



Malanje dia-a-dia

8/8/94

Não apetece falar... Muito menos escrever. Pessoas, pessoas e pessoas — pedindo comida. — Não temos. Também nós não temos recebido. Ficam pasmados, olhando... e não se vão. Os funcionários das organizações de ajuda foram para Luanda.

Há um mês que os aviões podem aterrar com normalidade. Têm vindo muitos com cargas de comerciantes e alguns com ajuda da Cáritas. Uma gota de água...

Não vemos razão para que as organizações de ajuda suspendessem os voos. Não compreendemos também o silêncio do Estado.

Sabemos, sim que uma população inteira está definhando.

Há crianças que, todo o dia, esgravatam nas lixeiras à cata de uns grãos de milho...

13/8/94

Quando vou a Luanda deleito-me a olhar, pelo óculo do avião, as montanhas de nuvens brancas e cinzentas e os espaços luminosos do céu. Sinto então, mais profundamente, como a guerra nos roubou todos os espaços. O Povo ficou pobre de horizonte e de lugar... limitado ao seu canto, esperando, esperando... Todo o dia, cada um ruma as saudades da sua sanzala, do seu rio ou fonte, da sua lavra — onde as mibangas prenhes de mandioca punham na alma a alegria tranquila; dos lugares da caça; e do terreiro liso para as batucadas em noites bonitas.

Tudo foi! O pior, porém, e que virou angústia, é o problema da fome... Então, tudo se apertou dentro do reduto onde, em cada saída, há uma porta fechada.

Continua na página 4

O Verão tem sempre das suas surpresas

O Verão tem sempre das suas surpresas. Parece tempo de férias, de alegria, de descontração. É o exterior das coisas. Por detrás desta aparência o ser humano continua a sua caminhada individual, umas vezes na solidão, outras vezes contando com a solidariedade de mãos amigas que não se negam a dar uma ajuda.

Em nossas Casas, o Verão traz, não raro, o problema

ENCONTROS em Lisboa

das fugas de alguns rapazes que se deixam encantar com o canto da sereia prometedora de vidas fáceis e cheias de prazer. Então começam as novelas que trazem no seu seio grandes embrulhadas terminando em caminhos sem luz e sem brilho. Este verão, graças a Deus, tem sido muito calmo e sereno. As surpresas aconteceram de outra maneira. Trata-se da história de dois jovens já um pouco fora da

idade em que costumamos acolher. Reuni todas as forças para dizer não e acabei por não ser capaz de despachar esse não na cara deles. Ficaram. Depois de tantos trambolhões por que já passaram, espero que possam aproveitar esta oportunidade que pode ser a última para endireitar as suas vidas.

Primeiro veio o Paulo Jorge. Teve ama e família de acolhimento porque a

mãe, desde muito cedo, o largou da mão e creio que também o negou no seu coração. O Paulo cresceu e nele foi forte o desejo de conhecer as suas raízes. Muitas vezes pediu para ver a mãe, o que lhe era negado; e os ditos de desprezo sobre ela aumentaram nele o desejo. Um dia partiu à procura da sua progenitora. Não era esperado, foi tolerado por algum tempo e depois mandado embora. Paulo refez o caminho até à família de acolhimento e a porta estava fechada. Esperou alguns dias, bateu de novo, pediu a pessoas que pedissem. A resposta foi sempre a mesma: Para ele a porta está definitivamente fechada. Paulo vagueia por ruas, dorme em barracos, enrola-se num cobertor durante a noite. Um moço da sua idade sabe da história. Põe a família em alvoroço. Aparecem-me em casa: «Estivemos para telefonar, mas estas coisas não podem ser tratadas pelo telefone». Acertaram em cheio. Pelo telefone seria fácil dizer não. Mas agora, com o Paulo ali à minha frente!...

PATRIMÓNIO DOS POBRES

Mães angustiadas

ESTOU a ouvir aquela mãe aflita com o marido doente, com três filhos na escola, com casa de habitação sem quarto de banho e com cozinha muito pequenina e todos se têm de governar só com o que ela ganha como servente de limpeza.

Estou também a ler em oração o que nos escreveu o bispo S. João Crisóstomo: «Queres honrar Cristo? Não permitas que seja desprezado nos Seus membros, isto é, nos Pobres que não têm que vestir, casa para habitar, vida para viver. Deves prestar-Lhe a honra que Ele mesmo ordenou, distribuindo pelos Pobre as tuas riquezas.»

De que serviria adornar Cristo com vestes de ouro, se Ele morre de fome e abandonado na pessoa do Pobre. Lembra-te que é Cristo que vês errante, peregrino e sem tecto».

Sinto-me inquieto com estas mães. Esta que estou a ouvir, pensa em tirar uma filha que já anda na Secundária e é boa aluna, para ela trabalhar e poderem sustentar a casa. Animei-a e prometi-lhe a nossa ajuda confiada em ti. Mas há tantas mães nas mesmas aflições...!

As palavras de S. João Crisóstomo têm hoje muito lugar. Tantos cristãos muito preocupados em revestir Cristo com vestes de ouro! Tantos apaixonados só com os

Continua na página 4

Continua na página 2

A formação humana

INTERROGO-ME com mágoa sobre a validade do esforço que fazemos para ajudar o povo que vive connosco a sair do atraso em que está. No que diz respeito ao trabalho, vão caminhando. Alguns experimentam um certo desafogo, se comparados com a maioria. Assim mesmo, a qualidade de vida dentro de casa pouco melhorou. Alguns enfeitam muito, por fora, a sua casa. Não importa que a tinta seja roubada da nossa.

A formação humana, na responsabilidade, no respeito aos bens alheios, no reconhecer o mal praticado — isso parece não ser do mundo deles. Mandámos embora um por roubo e por aliciar os rapazes pequenos a roubar — e ainda foi ao Tribunal de Trabalho reclamar indemnização. Máquinas, tractores e transportes danificados por culpa própria ou simples descuido,

MOÇAMBIQUE

não contam. É como se nada tivesse havido. Às vezes o prejuízo é grande. Maior é a indiferença. Não há consciência para reconhecer, muito menos iniciativa para

dar contas. Ai da Casa se não andamos de olhos bem abertos e os nossos rapazes também! Tanta indústria por aí arruinada...! Afinal porque?

Saúde

No que se refere à saúde, por ser um bem que muito prezamos ajudar, o panorama não é melhor. E certa-

mente este povo está mais favorecido que a maioria. Não falta o carro para levar ao hospital da cidade; à maternidade a Boane, de madrugada tantas vezes. Há



Maputo — Os dois corpos da Casa-Mãe. Surpreendente o volume de construção conseguido em dois meses.

Posto Médico da Pró-Rural, à entrada da aldeia, há o nosso Posto de saúde, agora bem fornecido com remédios da campanha África Amiga. No entanto, somos frequentemente surpreendidos pela notícia da morte de alguém. Há semanas em que o povo caminha, quase todos os dias, para o cemitério. Custa-nos saber que alguém morreu, sem saber sequer que estava doente. Não podemos conhecer toda a gente de quase mil famílias, mas certamente todas elas podem conhecer os meios que estão ao seu dispor.

Para além da malária, diarreia e pouco mais, os Postos Médicos parece serem precisos só para as pessoas com um mínimo de instrução. Tudo o mais é da categoria do curandeiro. É possível que se tenha perdido a herança ancestral dos medicamentos naturais.

Continua na página 4

Conferência de Paço de Sousa

PROMOÇÃO SOCIAL — Naquela hora demos graças a Deus, bem no íntimo do nosso coração, por aquele homem; não importa quem nem donde — os Pobres também merecem que se respeite a sua privacidade.

Em tempo, abrimos-lhe a mão — porque doente. E não só... Corolário dos que sofrem. Prevíamos um caso difícil. Tem, realmente, um temperamento e comportamento *sui generis*. Não há duas pessoas iguais neste mundo, qual beleza da Criação! Sem muitos considerandos, além do abrigo, colocámos nas suas mãos calejadas uma *cana* para se lançar ao largo. Desperta, então, da letargia motivada pela fome. Mete os pés ao caminho. Consegue um posto de trabalho. Ganha o pão de cada dia. Hoje, topámo-lo em recinto público. Barba escanhada. Fatinho limpo. Cara feliz. Integrado no meio.

Não são precisas estruturas complexas, burocratizadas, para dar vida aos sem vida — como é comum do tempo que vivemos. Basta um serviço discreto, de irmão para irmão — específico da Sociedade de S. Vicente de Paulo.

Quantas vezes, não é o dinheiro que conta; mas descobrir a *cana* para o Pobre pescar. Noutras, o que parece *fracasso* também não é; mas a fraqueza inata do homem, dos homens. A nossa fraqueza! Muito mais compreensível... nos domínios da senhora Miséria.

Por isso, regressando às Fontes que alimentaram Pai Américo — e de que maneira! — o seu voto expresso continua cheio de vigor e oportunidade: «Cada Freguesia cuide dos seus Pobres». Recado aos cristãos para que larguem a *sacristia*; e, com todos os nossos defeitos, cumpra-se a vontade do Senhor: o Mandamento Novo.

PARTILHA — O assinante 9790, de Oliveira do Douro (Vila Nova de Gaia), manda «cumprimentos para toda a Família da Conferência» — retribuimos com amizade — e «*junta uma pequenina ajuda em cheque*» (10.000\$00), pedindo «*uma oração ao Senhor por uma intenção particular*».

Temos mais 3.000\$00, da «*Avó dos cinco netinhos*», de Setúbal, para «*a Conferência do Santíssimo Nome de Jesus. Pequena migalha deste mês de Julho com todo o carinho e amor. A bênção do Senhor para vós*». Obrigado.

Temos, ainda, o desabafo dum samaritano sobre «*uma doente acamada que gasta 'fraldas'*». Rosário de quem se dedica aos Pobres. Vale a pena acentuar quanto outros vicentinos(as), pelo País fora, sabem o que lhes custa este específico apoio domiciliário — sem ajuda fraterna.

Assinante 9708, de Coimbra: «*Vai um cheque de 10.000\$00, como de costume, pois cálculo têm sempre conta na farmácia. São para esse fim. Caso não seja preciso, apliquem noutro caso*». Ainda agora solvemos uma conta superior a cinquenta contos!

Presença da assinante 7769, do Porto. É mais outra, também habitual, do assinante 32986, da Rua Faria Guimarães, Porto, muito valiosa, «*com um abraço amigo*» — que devolvemos na mesma proporção.

Em nome dos Pobres, muito obrigado.

Júlio Mendes

Pelas CASAS DO GAIATO

LAR DO PORTO

CONFERÊNCIA DE S. FRANCISCO DE ASSIS — Voltamos à vossa presença para dar testemunho de que ainda continuamos na nossa caminhada. Queremos pedir desculpa se não foi dada resposta aos donativos que recebemos, mas como devem compreender, estamos num período de férias e por conseguinte a nossa crónica para o jornal está atrasada; mas não nos esquecemos dos nossos irmãos que continuamos a visitar, mesmo nesta época.

Queremos aproveitar esta crónica para transcrever um dos textos do *Pão dos Pobres*, que nos toca a todos um pouco na medida em que os Pobres são para nós irmãos muito queridos e respeitados. Tem como título «*Evangelizar os Pobres é missão divina*».

«*A onda de Pobres cresce na medida em que deles nos esquecemos. Não que sejamos capazes de os exterminar nunca. Se Judas vendesse por um mar de dinheiro, em Betânia, o frasco de perfume, não resolveria a questão dos Pobres, porque... 'haveremos de os ter sempre na nossa companhia'. É palavra eterna. Os vizinhos de porta são pobres. Temos pobres nos parentes afastados.*

Portas de templos, saída de comédias, alamedas de sombra, artérias de luxo — quem não vê mãos impertinentes a pedir esmola?

Romarias do Norte, caminhos de aldeia, gente da serra — Pobres que pedem esmola. Asilos, creches, hospitais, albergues — haveremos de os ter sempre na nossa companhia.

A gente fica a cismar nas leis acertadas que, às vezes, aparecem no País, com mira a exterminar o pedinte das ruas das cidades, coisa indecorosa para os nossos tempos, dizem, e para a dignidade humana. Mais acertada seria a lei de protecção e melhor do que leis, a Caridade que não as toma nem as quer!

Não. Exterminar não é possível; remediar, isso sim. Ajudai-me a remediar vidas difíceis e resignadas.

Ninguém pode acudir a tudo; mas dentro da nossa pequenina área pode fazer-se imenso. Os que trilham estes pisos de pobreza alheia, usam uma linguagem viva e penetrante que é moção divina nos corações de quem na ouve.

Sem o saber, metemos as mãos nas algibeiras de toda a gente... porque Deus toca os corações de quem dá.

CAMPANHA TENHA O SEU POBRE — Uma Maria de Portugal, cheque 5.000\$00; Mafra, cheque 7.000\$00; Anónimo, 5.000\$00; J. R. D., 2.000\$00; Casal Simões, 50.000\$00.

A todos, e àqueles a quem por ventura não respondemos, em nome dos Pobres, os nossos agradecimentos.

Conferência de S. Francisco de Assis — Lar do Gaiato — Rua D. João IV, 682 — 4000 PORTO.

Casal vicentino

PAÇO DE SOUSA

AGRICULTURA — O milho está crescido, mas precisa de algum tempo para amadurecer. A vinha está carregada de cachos de uva com bom aspecto, mas ainda verdes. Da horta saem legumes para as nossas refeições.

FÉRIAS — Já terminaram para a malta. A casa da praia, em Azurara, ficou sem «a vida» que teve durante quase três meses. Agora, mais um ano de trabalho e de estudo.

AULAS — Para uns já começaram, outros esperam as suas com ansiedade. Esperemos que este ano corra sem problemas e com êxito para todos.

OFERTAS — A «Danone» ofereceu mais uma *dose* de iogurtes, que agradecemos, para as nossas sobremesas. Também às pessoas anónimas que deixam a sua oferta, muito obrigado.

«Vitinho»

Notícias de Moçambique

DONATIVO — No dia 10 de Agosto recebemos da Cooperação Portuguesa, Projecto África Amiga, um donativo em remédios: vita-

minas, antibióticos, xaropes e outros no valor de mais de cinco mil contos. O nosso agradecimento. Vamos dar a quem precisa.

VISITA — Visitou-nos o senhor Vice-Ministro dos Estrangeiros italiano. Aproveitámos para mostrar o nosso agradecimento pelos materiais e assistência técnica que temos recebido para a reabilitação das instalações agrícolas que nos foram doadas. Agora já temos uma bonita vacaria. Faltam-nos as vacas.

TEMPO — Este ano tem havido muita ventania. À nossa volta quase não há árvores.

Estamos todos constipados. Às vezes ficamos todo o dia cobertos de pó.

BAPTISMO — Em 14 de Agosto, receberam o Baptismo os nossos: Júlio, Guilherme, António e Luis. Estavam ansiosos por este dia. Que mostrem pela vida, o compromisso que assumiram. Marcámos este dia com o primeiro almoço na nossa casa nova. Era um dia de muito vento. Lá, estávamos mais abrigados do que cá. Tudo improvisado: mesas, cadeiras, e local. Aproveitámos também para dar a nossa voltinha pela montanha. Os nossos Professores e a senhora D. Noémia vieram para partilhar da nossa alegria. Ao meio da tarde, um grupo sentiu vontade de passear no mundo da aventura: Improvisaram uma chave para o tractor e deram uma volta às escondidas. Aventuras que prejudicaram...! Os mais novos, Filipe e Augusto, participaram: primeiro com risos, depois com lágrimas. Foram levados ao hospital e agora já estão em nossa Casa.

SAUDADES — Depois de três meses de muito trabalho o nosso *tio* Quim voltou para Portugal. Deixou-nos muitas saudades. Foi muito importante para nós a sua presença. Obrigada *tio* Quim.

Samuel Noa

ENCONTROS em Lisboa

Continuação da página 1

«Quem procura encontra...»

O Pedro veio só. Tem catorze anos bem vivos e bem vividos na escola do sofrimento. O seu corpo traz algumas marcas. Chega ao pé de mim com o Ricardo a servir de cicerone e dispara: «*Vim ver se você tem algum lugar para mim na sua Casa*». Fiquei espantado sem saber que dizer, apenas esbocei um sorriso e certifiquei-me se tinha entendido bem. Era a primeira vez que tal me acontecia. Algo lacónico, com uma certa tristeza no olhar, foi-me desvendando os seus segredos familiares. Na rua havia já muitos dias, não ficou de braços cruzados. Bateu à porta de duas outras instituições. Numa deram-lhe recado que não havia lugar. Na outra disse-me que conversaram muito mas depois a resposta foi a mesma. Naquele momento lembrei-me da frase do Evangelho: «*Quem procura encontra. A quem bate abrir-se-á*». Estaria o Evangelho a realizar-se? Foi um pouco com o coração a bater-me dentro do peito que disse àquele moço: «*Fica para veres e poderes pensar se é realmente a nossa casa que tu queres*».

Histórias do meu mundo num mundo às vezes tão distraído e tão egoísta.

Padre Manuel Cristóvão

Uma carta

Mas depois lembrei-me que há meninos com muito mais necessidades do que eu, pois tenho muitos brinquedos e até tenho uma continha bancária.

Por isso, pensei que também podia fazer feliz um menino como eu. E, assim, através do senhor, dei do meu mealheiro um dinheiro ao meu pai, para ele passar um cheque para poder comprar alguma coisa para um menino, p'ra que ele se possa sentir feliz.

Miguel»

«Hoje é o Dia Mundial da Criança.

Como tenho 10 anos, tinha a ideia de perguntar ao meu pai o que é que me oferecia neste dia tão importante para todas as crianças.



Os «batatinhas» da Casa do Galato de Malanje.

BENGUUELA

A solidariedade foi profundamente ferida

CHEGUEI, há pouco tempo, da pescaria onde fui buscar duas caixas de peixe fresco. Foi tamanha a simpatia de quem o ofereceu que me fez recordar outros tempos, em que bater a uma porta ou a outra... era encontrá-la aberta! Estávamos, então, no princípio da Casa do Gaiato em Benguela. Toda a gente dava as mãos para que ela fosse levantada e pudesse caminhar. Assim foi.

O princípio sagrado de vivermos do nosso trabalho mantêm-se de pé, agora como naquele tempo. Mas o fruto do nosso trabalho não chega para que a Obra vá para diante, levando em seu regaço a doce carga destes filhos abandonados, mais a multidão incontável de miseráveis e pobres que, desde o início, foram constituídos herdeiros da Obra da Rua. Esta herança está na fonte da nossa riqueza.

A solidariedade foi profundamente ferida. No meio de tão grande anarquia, em que não há dinheiro que chegue para comprar o pouco que existe, as pessoas vivem dobradas sobre si mesmas. Há os que têm muito (uma minoria!) à custa de lucros fáceis. Não é neste campo, porém, que a generosidade tem o seu habitat. Os que vão ameaçando, mercê dum trabalho duro, dia a dia, até alcançarem um bocadinho de estabilidade, não perdem o sentido dos que lutam para não morrerem e dão as mãos para ajudar.

A pescaria XAYEVALAS está neste grupo. Começou a sua actividade há pouco tempo. Foi crescendo até atingir um movimento regular. Não perde o sentido dos outros. A Casa do Gaiato é uma feliz contemplada com a exigência de ir lá todos os dias por duas caixas de peixe. Quantos milhões não gastámos já noutras pescarias, que o

peixe é uma base da alimentação! Por isso, se a alegria do Sr. Saraiva, mais a do filho e dos sócios, é grande por poderem ajudar-nos, a nossa alegria ainda é maior. A esposa e a mãe que estão em Portugal, assíduas leitoras d'O GAIATO, também gozam com este dom.

Queremos ser para os casos extremos

Agora, que temos a Casa reconstruída, o pedido para receber crianças está a aumentar. A lotação poderia ficar completa dum dia para o outro, se não tivéssemos o cuidado de receber aqueles e só aqueles que estão abandonados ou na rampa da rua. Dizem, por isso, que somos muito selectivos. É verdade. Entendemos que, onde houver família ou um resto de família com alguma capacidade, aí deve ficar o filho. Queremos ser para os casos extremos.

Também é verdade que se encontram muitas crianças e adolescentes em lugares estratégicos da sociedade, sobretudo onde a concentração de pessoas é maior. Trata-se, em geral, de garotos com família, lançados no negócio de pequenos artigos, roubados ou comprados. Não raro são ameaçados de que têm que arranjar dinheiro para levar para casa. Por isso, fogem da escola, habituam-se a andar com quantias elevadas, têm o caminho aberto para a marginalidade declarada.

Este fenómeno dá-se em outras partes da terra, em Portugal, por exemplo. Aqui, porém, atinge proporções alarmantes. É uma percentagem muito grande de crianças a viver assim. Podemos imaginar o que será a sociedade, num futuro próximo, com uma doença tão grave no seu meio.

Que fazer? Procurar soluções de passagem para o regresso destes filhos à família. No geral, o hábito da rua está tão metido neles que só uma terapia especial

pode ser princípio de cura. Apontamos uma ou outra casa de acolhimento transitório, de pequenas dimensões, para estar mais perto da família, com um acompanhamento cuidado, para que sintam que, de verdade, há alguém que se interessa por eles. Aí teriam alimentação e um mínimo de condições de higiene. A escola estaria na mira, em cada dia. Quem sabe se, a pouco e pouco, não vão trocar a vadiagem por uma vida mais estável? Este trabalho teria que ser acompanhado com algumas acções junto das famílias dos garotos.

Em muitas acções parece-me ver um desejo de promoção

Há, de vez em quando, explosões de boas vontades da sociedade civil; de alguns sectores, pelo menos. Falta-lhes, porém, ao menos um bocadinho de organização para perseverarem. Trabalhos como estes não se improvisam. Só com muito amor resistem ao cansaço e chegam a alguma estabilidade.

Agora, ao jeito dum desabafo: Parece-me ver em muitas das acções a favor das crianças da rua mais um desejo de promoção das pessoas, das empresas, dos movimentos e das igrejas. Não se dá um passo que não seja propagandeado pelos meios de comunicação social, com relevo para a televisão. De seguida, o vazio. Fico triste por ver estes filhos a servir de pretexto para mais negócio, mais vaidade, mais esbanjamento de bens. E ficamos com o seu problema por resolver.

A este propósito, ouvi um comentário muito sério: Se fosse possível pôr a funcionar Instituições que, noutros tempos, fizeram homens verdadeiros de filhos abandonados ou em verdadeiro perigo moral, poupavam-se fortunas das fortunas que, agora, se investem em projectos que não têm saída eficaz. Invistam-se fortunas na

formação das pessoas que sentem vocação para este trabalho social. Dê-se a mão ao que já está feito para que se possa fazer mais. Primeiro de tudo é com a vida que se dá vida. É com a vida de pessoas que as crianças da rua se regeneram. Dar coisas para ficar tudo na mesma, que vale?

Mais uma aflição

Mais uma aflição que não sei bem como resolver. A energia eléctrica anda mesmo pelas ruas da amargura. Agora mais do que nunca. Há dias em que as oficinas, os motores de rega e tudo o mais, mal começam a trabalhar para logo de seguida ficam parados. Assim, as oficinas não podem ser escola eficaz. Os campos não podem ser semeados, que secam as culturas. Temos água, mas falta a energia. Sem o campo, é o deserto, donde não vem nada. Sem as oficinas a trabalhar, é o silêncio, sinal de morte, a juntar a outras mortes. Nunca vi o problema tão grave como agora. Por isso falo nele. Mas sei onde está o remédio: um GERADOR. Não digo mais nada. Vou procurar, não sei onde, as quatro dezenas de milhar de dólares. Não sei onde! Que nesta terra quem tem força é o dólar. Não é luxo, não. É uma condição de sobrevivência no momento actual.

Aos senhores dos chamados projectos, que têm passado por aqui, pus como prioridade a compra dum gerador e disse-lhes quanto custava. Até hoje, nada. Se precisamos do gerador é enquanto estamos vivos e podemos dar vida.

Confio mais na vossa ajuda. A última vez que falei no gerador foi a um senhor doutor da Secretaria de Estado da Cooperação de Portugal, na sua passagem pela nossa Casa do Gaiato, a saber do que mais precisávamos. Já foi há muito tempo... e nem uma notícia a dizer sim ou não. Confio mais no nosso povo amigo.

Padre Manuel António

A FAMÍLIA

Encontro de filhos e irmãos

PARTICIPEI no encontro anual dos rapazes que foram da Casa do Gaiato de Malanje. Encontro de filhos e irmãos. Encontro de resposta bem positiva à Conferência das Nações Unidas realizada no Cairo. A Família é um grande elo que une a Sociedade.

De há muito os organizadores, um a viver em Cascais e outro em Guimarães, se preocuparam com estes dias: Lugar de encontro. A casa para

dormirem. O ambiente para o dia de sábado. A frescura para o calor de domingo.

Tudo foi bem escolhido. Logo na manhã de sábado a alegria e paciência no encontro. Ninguém arredou pé do sítio combinado. Os de mais longe chegaram mais tarde. A comunhão dos beijos e abraços. Foram duas horas de encanto. Vindos da Madeira, de Vendas Novas, de Lisboa, de Cascais, de Miranda, de Guimarães, de Alverca, de Cête, de Paço de Sousa. Poucos foram os que não puderam vir. Eram pais e mães e filhos.

Cada um para seu transporte e eis-nos à beira do rio.

Um largo cheio de sombra e areia acolheu-nos. Junto, a água corria em abundância pela descarga da barragem. Toalhas estendidas na areia, os farnéis distribuídos em cima e nós todos à volta. Cada um comeu e bebeu consoante o seu desejo. A seguir foi a tarde de recordações. Padre Telmo e a Casa, atormentados pela guerra e pela fome, estiveram sempre bem presentes.

Quase ao fim da tarde, dirigimo-nos para passar a noite numa das nossas Casas, vazia dos seus habitantes a passar férias noutra Casa. Aventais tirados dos cestos e braços arregaçados

de homens e mulheres a preparar o jantar. Um dos rapazes ofereceu um cordeiro e os organizadores compraram marisco. Painéis ao lume — e todos noutra sala a preparar e a celebrar a Eucaristia dominical que ocupou bem o seu lugar no encontro.

Descemos a escada e ocupámos o nosso lugar à mesa. Que bem nos soube a caldeirada do borrego! Que apetitoso estava o arroz de marisco!

Louça lavada e mesas limpas, o serão foi passado com os olhos na televisão a mostrar uma fita sobre a Casa do Gaiato de Malanje.

Dia seguinte, domingo, pequeno almoço no estômago, foi a viagem até junto da praia. Um lugar próprio, com grande assador, torneira d'água, sombra

DOCTRINA



Socorre como se fosses tuas as necessidades dos mais
S. PAULO

POR eu não ter dito nada desde o princípio do mês acerca das ofertas e dos donativos à Obra, certamente concluíste que, se o não tenho feito, é porque nada tenho recebido; e até mesmo, cuido eu, achas que tudo está dentro da boa lógica, em virtude da carestia de vida e da incerteza das coisas e do muito dar e pedir em nossos dias — razões estas de que o mundo gosta e pelas quais se governa. Mas não. A lógica da Obra da Rua está fora e acima das tuas lógicas. Se eu não tenho publicado há mais tempo o que hoje vou publicar, é simplesmente porque resolvi fazê-lo no fim de cada mês para o que adquiri uma agenda onde lanço, dia a dia, tudo quanto me oferecem. Desta sorte terei conhecimento exacto das quantidades verificadas no fim do ano e poderei dar notícia segura do que a Obra recebeu. Os oitenta contos que giraram o ano passado, não é número exacto; é redondo.

SIM; a lógica da Obra está acima e fora de todas as contas e de todas as razões humanas. Desde que ela, a Obra, cuide a sério das necessidades do Pobre, há-de necessariamente ser amparada naquela mesma medida em que ampara, a menos que as promessas de Deus falhem. O Evangelho de Jesus Cristo ainda não foi revogado, não obstante homens sábios implantarem e pregarem de vez em quando novos evangelhos às gentes do nosso planeta; aos quais tu, segundo parece, tens dado ouvidos e crédito. E é precisamente por acreditares nestes novos evangelhos e novos pregadores que pões em dúvida o êxito de Obras da natureza da Obra da Rua, cuidando que elas são fracas como tu és. As necessidades próprias nunca foram obstáculo no socorrer as alheias. Quantos não há que, em suas aflições, dão a mãos cheias aquilo que guardam em dias tranquilos?! As desgraças do mundo acendem no nosso peito a chama da Caridade. Entra nas razões do Evangelho e não te conformes com as do mundo.

NAS ofertas que me chegam às mãos aparece, por vezes, recado a especificar a quantia ou a coisa destinada ao meu uso «e o resto é para os Pobres», dizem! «O resto para os Pobres!» Se tu soubesses como eu fico triste ao receber estas mensagens, davas sem condição. Não que as aceite ou as cumpra, mas sim porque elas são o sinal de um conceito muito falso e muito usado. Se eu fizesse como tu mandas, a Obra da Rua seria a Droga das ruas e eu o drogueiro. Não. Uma só bolsa, um só interesse, uma só causa. Toda a obra que se divide dentro de si mesma não pode subsistir. O meu e teu não têm aqui lugar. Não chamo a nada meu.

NÃO tenho por isso medo da fome nem da nudez nem da miséria nem das doenças nem da velhice. Sei absolutamente, de fonte muito segura, que, quando chegar a minha hora, o Deus a quem eu sirvo há-de mandar amparo na medida em que eu tiver amparado os meus Irmãos; e se não tiver quem, vem Ele mesmo. Eis a lógica da Obra.

Basófia? Não. «Todo aquele que por Meu amor deixar campos, interesses, família e a si mesmo, recebe cem por um neste mundo e a Vida eterna no outro.» Basófia tem todo aquele que demasiadamente espera e confia nos seus haveres, como se eles fossem a vida e não para a vida.

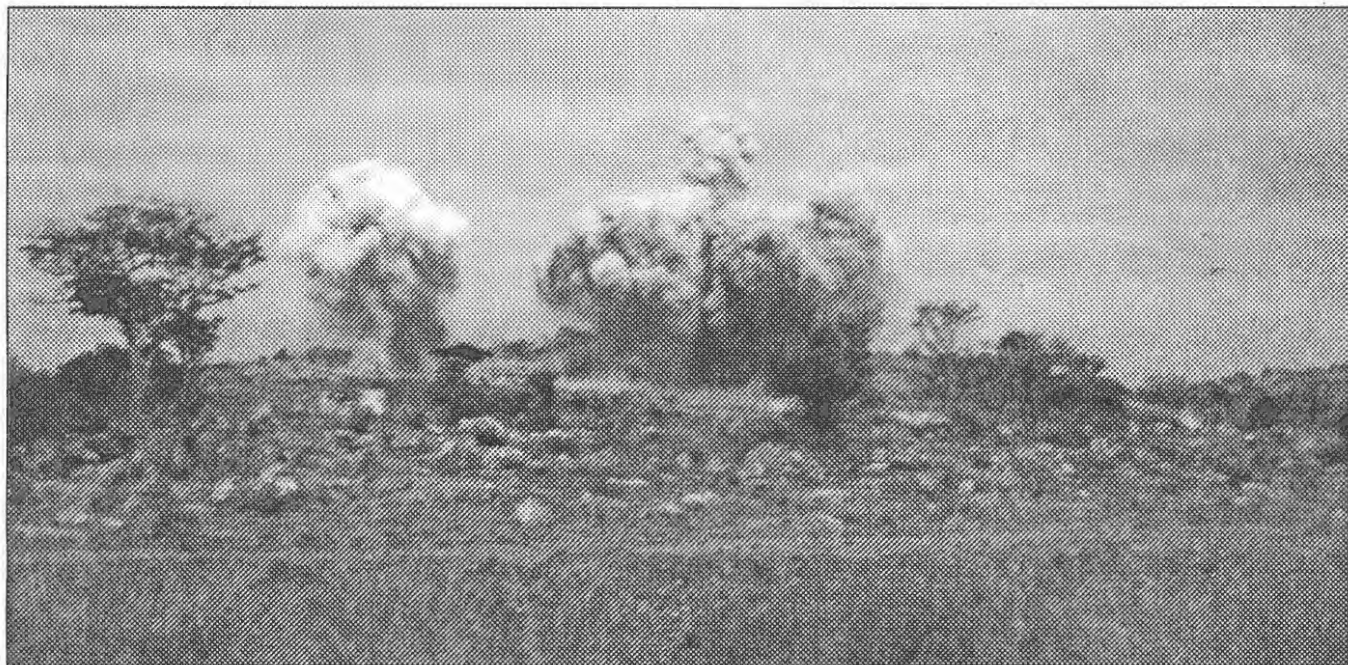
O. Amín. 5!

(Do livro *Pão dos Pobres* — 2.º vol.)

acolhedora, mesas e bancos, foi o nosso poiso. Todos à volta do braseiro, os frangos e sardinha fresca em cima das grelhas despertaram bem o apetite de todos. Tudo assado e vamos p'ras mesas. Convívio alegre animado pela boa disposição de cada um. Foram horas de um instante.

Depois, momentos de diálogo, acertar contas e planear futuro encontro. Todos de acordo, as últimas graças e a despedida que foi um momento de muita intimidade. Um grande testemunho de Família que somos!

Padre Horácio



Parece Hiroshima... e afinal trata-se da abertura na rocha dos alicerces da Casa-Mãe de Moçambique.

Mais Notícias de Moçambique

ESTAS trouxe-as o Quim que, embora regressado há poucos dias, ainda não aterrou cá.

Na noite seguinte à sua chegada dormi mal, contra o que me é hábito graças a Deus. Tivemos uma conversa breve mas densa.

Passei os olhos por fotografias e por pormenores que o arquitecto traçou. Depois abalei para o Porto e lá me aconteceu o sono entrecortado por juízos do que vira e por ideias que borbulhavam como água nascente. Não eram pesadelos, antes qualquer coisa

parecida com dores de parto.

Na verdade, apesar das informações que fui recebendo, não esperava que se tivesse atingido o volume de construção que está feita, sobretudo no edifício da Casa-Mãe destinado a habitação de «Batatinhas»

e Senhoras, a rouparia-lavandaria e instalações para os cuidados da saúde. Fiquei a compreender e a sentir melhor a aflição de Padre José Maria por não poder continuar no mesmo ritmo enquanto não surgir a tal pequenina equipa de encarregados de obras, a

dirigi-la no terreno e a orientar o pessoal da terra, incapaz por si de tocar afinado sem uma batuta a regê-los.

Para já, ficou o nosso Skoll. Ele tinha a missão importante de olhar por materiais e todo o equipamento que intervém nas obras e na agricultura. Não sendo a sua especialidade, de andar por perto aquando da reconstrução das instalações agrícolas, sempre foi vendo e aprendendo algo. Agora o Quim, antes do regresso, deu-lhe mais um jeito. De modo que será ele a olhar pelas obras no terreno, até que surjam melhores dias.

Skoll é um rapaz da nossa primeira geração moçambicana que apareceu quando a Obra regressou a Moçambique, há três anos, e tem sido um bom apoio para o Padre José Maria. Deus o guarde e lhe dê força para mais esta tarefa e desperte quanto antes a tal equipa que o venha render.

Isto aqui até parece um porto de mar

Quim desceu do avião, sim, mas ainda não aterrou

aqui. Também não pára. É o contentor que quer mandar urgentemente, aviado a partir da lista que trouxe mais da que já cá havia. São máquinas, são ferramentas, são adubos e sementes e remédios para culturas várias, são géneros de comer e leite — é um mundo. Isto aqui até parece um porto de mar!

Padre Manuel mandou ontem fax e pede, também urgentemente, um contentor e envia uma lista infinda de necessidades.

Como Deus é grande e nos tem dado a graça da resposta! Como o nosso Povo é bom e tem posto em nossas mãos com que responder!

• E agora, só quero chamar a atenção para uma fotografia que aí vai: uma explosão, uma explosão pacífica. Parece Hiroshima e afinal trata-se da abertura na rocha dos alicerces da Casa-Mãe de Moçambique. A fotografia é bela. Uma explosão é espectáculo. Que bom se todas as explosões que há no mundo fossem como esta para construir bens para os homens!

Padre Carlos

MALANJE dia-a-dia

Continuação da página 1

15/8/94

Fez hoje anos o papá Miguel. Já o apresentei aqui, mas repito:

Ele é o animador duma Comunidade (podemos dizer de Base) num bairro da cidade. Comem em sua casa cinquenta crianças e dez velhinhas.

Esta Comunidade está construindo, sob a orientação da irmã Amélia, salas para aulas, refeitório e quartos

para velhos. Construção de adobes e tectos de chapas de zinco — tudo igual às habitações do Bairro.

Na mesma Comunidade funciona ainda uma cozinha onde quase mil crianças tomam leite e comem papas de soja. Sentadinhas no terreiro, numa espiral perfeita, com o prato na frente... Bonito de se ver!

Quando penso nas comunidades paroquiais (em certas regiões da Europa) a gastarem fortunas em foguetes, conjuntos e

andores fantoches, fico triste e enjoado.

Vida cristã não é isso, não... Longe, muito longe do Senhor e dos irmãos!

Ainda tinha uma garrafita que Irmã amiga me tinha dado em Vila-Flor. Papá Miguel apalpou-a, remirou-a... Ficou feliz com tão pouco!

18/8/94

Recordo-me de ter falado numa velhinha (quase repetente) que um dia levámos

com a Irmã Amélia a casa de mamã Maria. Esta mamã pôs a sua casa e pôs-se a si própria ao serviço das crianças e dos velhos.

Hoje, Irmã Amélia levou-me para que visse aquela que nós consideramos velha. Fiquei pasmado e quase a duvidar quando me afrontou uma jovem de dezanove anos, robusta e bela, servindo as crianças.

— É possível?!
— A mesma! — respondeu a Irmã.

Milagre do amor e da mãe natureza...

O carinho e a alimentação devolveram-lhe a juventude!

Padre Telmo

PATRIMÓNIO DOS POBRES

Continuação da página 1

ornamentos sagrados! E Cristo continua com fome, sem casa, abandonado!

Gesto de gratidão

Não trabalhamos à espera da gratidão dos homens mas, quando ela chega, sabe-nos bem.

Recebemos carta de missionário. Trabalha em Angola já há vinte e dois anos, numa zona de muita guerra. É membro de Congregação Religiosa e, por isso, deve ser pobre. Trabalha com os Pobres e entende-os.

A casa onde nasceu está em ruínas. Quando vem a Portugal não pode lá ficar. Ainda vive na casa uma irmã viúva com três filhos pequenos.

Eis a carta: «Ao chegar à minha aldeia, minha irmã me informou que v. tinha estado em nossa casa e prometera uma ajuda para reconstruir o telhado. De facto a casa está velha e a cair e nós não temos meios monetários para a reconstruir.

Já escrevi aos meus irmãos que estão no Brasil, mas a resposta foi a mesma de todos: 'Não podemos por agora. Temos os filhos a estudar!...'

Toda a ajuda que lhe possa dar é bem vinda. Desde já muito obrigado pela atenção que possa prestar à minha irmã, à nossa casa».

Assinei um cheque e mandei-lho. Prometi a nossa ajuda — ajuda de todos os que têm coração sensível.

Padre Horácio

MOÇAMBIQUE

Continuação da página 1

A sua recuperação será então difícil ou impossível. A Igreja local tem uma colectânea de receitas, feita criteriosamente, de que qualquer um que saiba ler pode dispôr. Mas ficam de fora, oitenta e três por cento.

O povo instintivamente vai ao curandeiro

Como aqui na Massaca tudo é recente e a instrução escolar só há dois anos começou, o povo instintivamente vai ao curandeiro e não ao

enfermeiro. E não é porque o Posto Médico cobre dinheiro, como nos outros lados. É a sua tradição!

Mas o curandeiro, que não o é verdadeiramente, ou tem outras intenções, se receita e o doente morre, ninguém reclama dele. Mas a nós vêm pedir caixão, dispensa de trabalho se é dos nossos, comida para a família, no óbito e outra vez oito dias depois, para a deposição de flores.

Nestes últimos dias porém, as três mortes ocorridas penalizaram-nos muito, pelo que demonstram de conformismo e fatalismo.

Uma jovem, ela mesma aprendiz de curandeira, quarta mulher deste, porque teve trigémos mortos, aban-

dona-o e este obriga-a a beber uma poção mortal porque diz: «Ela tem de morrer antes de mim». Curioso nisto tudo, é que o pai, dorido pela perda da filha, resolve tirar desforra do curandeiro e traz para sua casa os cabritos que ele tinha. E a polícia apareceu e obriga à devolução.

Os outros dois, jovens também, filhos de trabalhadores nossos. Só soubemos quando o mal estava consumado. Num caso, envenenamento de propósito; noutra por ignorância, digamos profissional. É o curandeiro!

Será que por Moçambique fora o povo está mais consciente de que os tempos são outros?!

Padre José Maria

Director: Padre Carlos — Chefe de Redacção: Júlio Mendes
Redacção e Adm., fotocomp. e imp.: Casa do Galato — Paço de Sousa — 4560 Penafiel
Tel. (0 5 5) 752285 - FAX 753799 — Cont. 500768990 — Reg. D. G. C. S. 100398 — Depósito Legal 1239